



Hernâni Bettencourt*

Sim, é do SIS?

Daqui fala a chefe de gabinete do Galamba. A Eugénia. É para informar que tivemos aqui um pequeno problema no ministério das infraestruturas. O Frederico, aquele adjunto que está na vossa lista dos mais temidos terroristas, acabou de roubar um computador com informação classificada que só ele tem acesso. Podem ir a casa dele buscar o computador se faz favor?

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência. Andamos há semanas entretidos com uma estória pejada de mentiras, omissões, e muito desnorte. Mas isso até nem o pior deste inacreditável episódio. O cerne da questão continua por explicar. Refiro-me, obviamente, à intervenção do Serviço de Informações de Segurança (SIS) e do Sistema de Informações da República Portuguesa (SIRP). Quem solicitou a intervenção? Qual a justificação dada para efeitos do pedido de intervenção? Qual a base legal em que assentou a intervenção do “agente secreto”?

Estas perguntas continuam, decorrido mais de um mês da noite do faroeste no ministério do Galamba, por responder. E quando digo responder, refiro respostas objetivas e verdadeiras. As personagens envolvidas, tendo percebido a gravidade da questão, decidiram atirar a Dr.ª Eugénia para a “fogueira”. A voluntariosa Eugénia, à revelia do inexperiente ministro e sem qualquer indicação de um adulto do Governo, decidiu pegar no telefone e ligar para o SIS. Nesta estória, para dar alguma consistência, ficámos a saber que há uma espécie de manual de procedimentos para fazer face a ataques de espionagem e terrorismo dentro dos gabinetes ministeriais.

Na dita cartilha, parece que consta o seguinte: em caso de roubo de portáteis

ligar para o SIS. Alguém acredita nisto? O SIS não é, ou pelo menos eu julgava que não era, uma espécie de central de táxis ou um de um qualquer serviço de estafetas. Esta estória, depois daquela conferência de imprensa do ministro Galamba, na qual ele assume ter ligado a quase metade do governo, não tem ponta por onde se lhe pegue. E muito menos quando se disse e repetiu, até perceberem o erro, que se tratava de um roubo.

O SIS não é um órgão de polícia criminal. O SIS não trata de roubos! Então, o que terá dito a voluntariosa Dr.ª Eugénia no telefonema para o SIS? Não sabemos. O que se sabe, através de um comunicado do SIRP, é que “(...) os elementos recolhidos não permitem concluir (...) no sentido de ter havido uma atuação ilegal por parte do SIS, mormente qualquer violação de direitos, liberdade e garantias.” Não sei quem escreveu isto, mas não lhe auguro grande carreira no mundo do entretenimento.

É que o assunto é demasiado sério para piadas de mau gosto. Falar em direitos, liberdades e garantias quando há um telefonema, por volta das 23 horas, de um “agente secreto” para um cidadão a convidá-lo, seguramente de forma amigável e sem qualquer tipo de pressão, a entregar o famoso computador é não ter o mínimo de noção das linhas vermelhas que norteiam um estado de direito. O SIS, como bem referiu o ex Bastonário da Ordem dos Advogados, Rogério Alves, não pode ser acionado e agir com um serviço da Uber. Mas a verdade é que agiu...

*Jurista



Vitor Santos

Pai não é claque do filho

No desporto de formação, os pais desempenham um papel de grande impacto no desempenho dos seus filhos, bem como da equipa em geral. A forma como fazem a sua participação é que vai fazer toda a diferença no percurso desportivo da criança e, mais tarde, do jovem.

A verdade é que o “estrelato”, em particular no futebol, se alcança entre os 11 e os 13 anos. Nestas idades, o facto de ser futebol de 7 e 9 proporciona, ainda, ao atleta um maior contacto com a bola, com o jogo e mais sucessos nas tomadas de decisões e execuções. Esta realidade esconde na maioria das vezes o processo, em detrimento do resultado.

Os pais que, numa fase embrionária da prática desportiva, se divertem com o jogo, rapidamente se transformam em “claque” do próprio filho e, por contágio, da equipa que ele representa nessa época. Muitos chegam mesmo a ter pareências com os hooligans! Há males que têm de ser combatidos a partir da sua fase embrionária, como estes desvios comportamentais dos pais.

No desporto é logo na iniciação que se deve explicar aos pais que vão entrar numa atividade que vai exigir muito deles em termos de vida familiar e que as emoções vão estar muitas vezes presentes. Devem aprender a lidar com isso. Casa vez mais, os clubes têm de educar os pais quando os filhos iniciam a sua formação.

Os pais não conhecem o “edifício” da formação e, em alguns casos, é frequente terem as suas próprias motivações. Por isso, tentam induzir os seus filhos a praticarem um determinado desporto ou a atingirem determinados níveis de desempenho. É neste contexto que, muitas vezes, surge a “pressão parental”.

Existem clubes que aceitam este tipo de comportamentos. Estas más práticas. Como é possível que se continue a pactuar com este clima em jogos de crianças e jovens?

O papel de pai ou mãe é esquecido, passando a ser o de um gerador ou facilitador de conflitos que pactua com o ambiente violento em que coloca o seu filho. Os pais vestem camisolas de fãs do seu filho! Insultam quem não apoia o seu filho! A obsessão pelo sucesso imediato do filho perverte por completo a forma como vivem a sua prática desportiva.

Os filhos observam atentamente o comportamento dos pais fora do campo, projetando para eles mesmos esse comportamento. Se um progenitor não respeita um treinador ou um árbitro, se reclama de uma decisão ou tem um comportamento

menos adequado, é muito provável que o filho replique esse padrão da mesma forma.

O papel dos pais é de apoio emocional nas várias e diferentes etapas da formação e sempre fora do campo. E já é uma grande exigência.

Parabéns ao Instituto Português da Juventude e do Desporto, que lançou esta semana uma campanha #NãoSejaBullydeBancada: “Episódios de violência levam à diminuição da segurança e prazer no desporto. Contamos consigo para a erradicação de comportamentos violentos.” Trata-se de um importante contributo para a erradicação de comportamentos desadequados, pouco éticos e, por vezes, violentos dos pais/encarregados de educação, no âmbito da prática desportiva nas camadas jovens.

Pais, por favor, sentem-se, relaxem, deixem os vossos filhos brincarem, deixem os treinadores treinarem e os árbitros arbitrarem. Desfrutem do momento. Desfrutem do desporto. E deixem que os vossos filhos desfrutem também.



Ilustração de Paulo Medeiros